

O ladrão do tempo

JOHN BOYNE

Tradução

HENRIQUE DE BREIA E SZOLNOKY



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2000 by John Boyne

Todos os direitos mundiais reservados ao proprietário.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original
The Thief of Time

Capa
Sabine Dowek

Preparação
Cíça Caropreso

Revisão
Thaís Totino Richter
Huendel Viana

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Boyne, John

O ladrão do tempo / John Boyne ; tradução Henrique de Breia e Szolnok. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2014.

Título original: The Thief of Time.
ISBN 978-85-359-2378-0

1. Ficção irlandesa I. Título.

13-13431

CDD-ir823.9

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura irlandesa ir823.9

2014

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

1

UM INÍCIO

Eu não morro. Apenas fico mais e mais e mais velho.

Se você me visse hoje, com certeza diria que sou um homem perto dos cinquenta anos. Meço exatamente um metro e oitenta e quatro — uma estatura perfeitamente aceitável para qualquer homem, você há de concordar comigo. Meu peso oscila entre oitenta e cinco e cem quilos — mais uma vez, nada excepcional, apesar de eu ser forçado a admitir que esse número, conforme o ano passa, tenda a variar do valor mais baixo para o mais alto progressivamente, pois sigo o procedimento padrão de iniciar uma dieta extrema todo mês de janeiro e não me permitir nenhum tipo de excesso glutão até depois de agosto, quando o frio se instala e sinto necessidade de um pouquinho de estofo. Tive a sorte de meu cabelo — antes espesso, escuro e abençoado com uma ondulação sutil — ter resistido à tentação de cair todo de uma vez; ele só ficou um pouco mais ralo no alto da cabeça e assumiu um tom grisalho bastante atraente. Minha pele é bronzada e, embora eu note algumas pequenas linhas de expressão sob os olhos, apenas o mais cruel dos críticos sugeriria que tenho rugas. Ao longo dos anos houve

peçoas — tanto homens quanto mulheres — que me deram indícios de que sou um homem atraente, dono de um forte magnetismo sexual.

Contudo, o comentário sobre a minha idade — de que devo estar perto dos cinquenta — me agradaria imensamente, pois já faz muitos anos que não posso dizer com honestidade que vivi apenas meio século. Esse número é apenas a idade, ou melhor, a representação visual de uma idade, à qual estive preso durante a maior parte dos meus duzentos e cinquenta e seis anos de vida. Sou velho. Posso parecer jovem — em termos relativos — e pouco distinto fisicamente da maioria dos homens nascidos enquanto Truman estava na Casa Branca, mas estou muito distante de qualquer vigor próprio da juventude. Acredito há muito tempo que a aparência é a mais enganosa das características humanas e fico feliz por ser a prova viva da minha teoria.

Nasci em Paris no ano de 1743, durante a dinastia Bourbon, quando Luís xv ocupava o trono e a cidade podia ser considerada pacífica. Claro que me recordo muito pouco do cenário político da época, mas tenho algumas lembranças de meus pais, Jean e Marie Zéla. Vivíamos em uma situação razoavelmente confortável, apesar de, na época, a França estar mergulhada em uma série de crises financeiras; o país parecia viver sob a sombra de nossas guerrinhas frequentes, que exauriam das cidades tanto seus recursos naturais quanto os homens que poderiam extraí-los.

Meu pai morreu quando eu tinha quatro anos, mas não em batalha. Ele trabalhava como copista para um famoso dramaturgo da época, cujo nome eu até poderia mencionar,

mas como ele e sua obra foram esquecidos por completo, o nome nada significaria para você. Decidi omitir destas memórias a maior parte dos nomes desconhecidos para que eu não precise apresentar todo um elenco de personagens no início — dá para conhecer uma quantidade impressionante de pessoas em duzentos e cinquenta e seis anos, sabe? Ele foi assassinado a caminho de casa, quando voltava do teatro tarde da noite, por... vai saber? O golpe de um objeto pontudo em sua nuca o derrubou no chão e uma lâmina rasgou sua garganta, mandando-o desta para uma melhor. O assassino nunca foi encontrado; atos aleatórios de violência eram tão comuns naquela época quanto são hoje — e a justiça, igualmente arbitrária. Mas o dramaturgo era um homem bondoso e ofereceu à minha mãe uma pensão. Assim, durante os anos remanescentes de sua vida de viúva, nunca passamos fome.

Minha mãe, Marie, viveu até 1758. Àquela altura, tinha se casado outra vez, com um dos atores da companhia de teatro para a qual meu pai trabalhara, um tal Philippe Du-Marqué, que tinha manias de grandeza e afirmava ter se apresentado para o papa Bento XIV, em Roma — afirmação que certa vez foi motivo de zombaria por parte da minha mãe e resultou em um espancamento terrível pelas mãos de seu marido encantador. O casamento, embora infeliz e sempre manchado pela violência, resultou em um filho, meu meio-irmão Tomas, cujo nome desde então tornou-se de família. Tanto que o tatatatataraneto de Tomas, Tommy, mora hoje a apenas alguns quilômetros de mim, na área central de Londres, e nos encontramos com frequência para jantar, ocasiões em que eu invariavelmente “empresto” dinheiro para que ele sane dívidas acumuladas graças a seu

estilo de vida extravagante e ambicioso; isso sem considerar — falando sem rodeios — as despesas com narcóticos.

O rapaz em questão tem apenas vinte e dois anos e duvido muito que chegue aos vinte e três. Seu nariz está quase em carne viva por causa da quantidade de cocaína que cheirou nos últimos oito anos — ele não para de mexer o nariz, como aquela feiticeira do seriado — e seus olhos trazem uma invariável expressão vítrea e inconstante. Quando jantamos juntos, sempre por minha conta, ele fica propenso a surtos, tanto de euforia quanto de depressão severa. Já o vi histérico e também catatônico, e não tenho certeza de qual estado prefiro. Ele ri de repente, sem nenhum motivo claro, e sempre desaparece, quando assuntos urgentes o arrebatam para longe logo depois que lhe empresto um pouco mais de dinheiro. Eu tentaria procurar ajuda para ele, mas sua linhagem sempre foi problemática e, como você verá, todos seus antepassados tiveram um final infeliz; portanto, não faz muito sentido. Passei da idade de tentar interferir na vida deles faz tempo — e, de qualquer forma, eles não querem saber da minha ajuda. Creio que não devo me apegar demais a nenhum desses garotos, pois os Tomas, os Thomas, os Thom, os Tom e os Tommy sempre morrem jovens e sempre há um outro deles por aí, pronto para me incomodar. Tanto que na semana passada Tommy me informou que tinha “emprenhado”, como definiu com elegância, a atual namorada; portanto, a experiência me faz supor que seus dias estão contados. Estamos em meados do verão e a criança deve nascer perto do Natal. Ele providenciou um herdeiro para a linhagem dos DuMarqué e, assim, como o macho de uma viúva-negra, sua vida não tem mais utilidade.

Este é um bom momento para acrescentar que foi apenas no final do século XVIII, época em que cheguei naturalmente aos cinquenta anos, que o meu envelhecimento físico se interrompeu. Até então eu era um homem como qualquer outro, embora nutrisse um orgulho especial por minha aparência — algo atípico para a época — e me dedicasse a manter o corpo e a mente saudáveis, o que só entraria em voga dali a uns cento e cinquenta anos. Eu me lembro de ter percebido, em algum momento entre 1793 e 1794, que minha aparência continuava inalterada, o que na época me agradou, inclusive porque era raro viver até aquela idade no final do século XVIII. Por volta de 1810 aquilo se tornou assustador para mim, pois o natural seria que eu tivesse a aparência de um homem próximo dos setenta anos; em 1843, no meu centésimo aniversário, eu sabia que algo estranho estava acontecendo. Àquela altura, eu já estava aprendendo a conviver com o fato. Nunca procurei opiniões médicas, pois havia bastante tempo meu lema era “por que desafiar a sorte?”. Não sou um desses personagens imortais da ficção que imploram pela morte como libertação da clausura da vida eterna; os prantos e lamúrias perpétuos dos mortos-vivos não são para mim. Afinal, minha felicidade é plena. Minha existência é construtiva. Contribuo com o mundo em que vivo. E talvez minha vida não seja eterna. O fato de eu ter duzentos e cinquenta e seis anos não significa necessariamente que viverei até os duzentos e cinquenta e sete. Mas imagino que sim.

Porém, estou me adiantando em quase dois séculos e meio. Por isso, peço sua licença para voltar por um instante a meu padrasto, Philippe, que só viveu mais tempo do que minha mãe porque certa noite a espancou além da conta e

ela desabou no chão, com sangue transbordando pela boca e pela orelha esquerda, para nunca mais se levantar. Eu tinha quinze anos na época e, depois de providenciar um enterro decente para ela e garantir que Philippe fosse julgado e executado por seu crime, deixei Paris com o pequeno Tomas para seguir meu destino.

E foi como um rapaz de quinze anos, viajando de Calais a Dover com meu meio-irmão a tiracolo, que conheci Dominique Sauvet, meu primeiro amor verdadeiro e provavelmente a jovem com a qual nenhuma das minhas dezenove esposas e novecentas amantes subsequentes jamais poderiam se comparar.

QUANDO CONHECI DOMINIQUE

Ouvi muitas vezes a afirmação de que é impossível se esquecer do primeiro amor; o ineditismo das emoções seria, por si só, o suficiente para assegurar uma lembrança duradoura em qualquer coração pulsante. Tal fato não deve ser tão incomum para o homem médio, que acumula talvez uma dúzia de amantes e uma ou duas esposas ao longo da vida, mas é um pouco mais difícil para uma pessoa que viveu tanto tempo quanto eu. Admito ter esquecido os nomes e as características de centenas das mulheres com quem compartilhei prazeres — em um dia bom, consigo me lembrar de apenas catorze ou quinze esposas —, mas Dominique Sauvet está consolidada em minha memória como um marco histórico do momento em que deixei a infância para trás e comecei uma vida nova.

O navio que ia de Calais a Dover estava abarrotado e sujo, e era difícil escapar do cheiro viciado e deplorável de urina, suor e peixe morto. Apesar disso, eu estava exultante, pois tinha visto meu padrasto ser executado havia alguns dias. Em meio à segurança de uma pequena multidão, desejei com toda a força que ele olhasse na minha direção

no momento em que colocou a cabeça sobre o bloco de pedra, e por um breve instante ele olhou. Quando nossos olhos se encontraram, temi que, em seu terror, ele não me reconhecesse. Apesar de me dar calafrios, estava feliz com a sua execução. Ao longo dos séculos jamais esqueci a imagem do machado despencando sobre seu pescoço, o corte súbito e o gemido da multidão, entrelaçado com uma ovação e o som de um jovem vomitando. Certa vez, quando eu tinha por volta de cento e quinze anos, acompanhei uma leitura que Charles Dickens fez de um de seus livros, que continha uma cena de guilhotina, e precisei levantar e ir embora, de tão perturbadora que foi a memória daquele dia um século antes, tão arrepiante a lembrança de meu padraсто sorrindo para mim antes de sua vida acabar — embora a guilhotina mesmo só começasse a ser usada após o início da Revolução, coisa de trinta anos depois. Lembro-me do olhar gelado do escritor nas minhas costas enquanto eu saía, talvez pensando que eu me opunha à sua obra ou a considerava monótona, coisa que seria impossível.

Escolhi a Inglaterra como nosso novo lar porque era uma ilha, um território sem conexão com a França, e eu gostava da ideia de estar em um lugar independente e completo por si só. Não era uma viagem longa e passei a maior parte dela cuidando de Tomas, então com cinco anos, que estava enjoado e insistia em tentar vomitar por cima da lateral do navio um conteúdo que nem havia mais em seu estômago. Levei meu irmão até a balaustrada e o sentei com o rosto de frente para o vento, na esperança de que o ar fresco o ajudasse de alguma maneira, e foi então que vi Dominique Sauvet, a apenas poucos metros de nós, seu volumoso cabelo escuro esvoaçando para trás com o vento e

refletindo a luz conforme ela olhava em direção à França, que se distanciava de nós; em direção às lembranças de suas próprias angústias.

Ela flagrou meu olhar e o devolveu por um instante, antes de desviar o rosto. Depois olhou para mim mais uma vez, eu enrubesci, descobri o amor e peguei Tomas no colo, que imediatamente recomeçou a gritar de dor.

“Fique quieto!”, implorei a ele. “Shiu!” Eu não queria parecer incapaz de cuidar de uma criança, mas era contra deixá-lo andar pelo navio sem supervisão, chorando, gritando e urinando quando bem entendesse, como algumas crianças a bordo faziam.

“Tenho um pouco de água fresca”, disse Dominique, aproximando-se de nós e resvalando de leve em meu ombro, seus dedos pálidos e finos tocando com delicadeza minha pele exposta pelo longo rasgo na camisa barata, fazendo com que todo o meu corpo se incendiasse de excitação. “Talvez ajude a acalmá-lo um pouco.”

“Obrigado, mas ele já vai melhorar”, respondi nervoso, com medo de conversar com aquela visão de beleza e ao mesmo tempo amaldiçoando minha inaptidão. Eu era apenas um menino, incapaz de fingir ser outra coisa.

“Não preciso dela, de verdade”, continuou Dominique. “E também não falta muito para chegarmos.” Ela se sentou e me virei devagar, observando sua mão descer pelo decote do vestido e voltar com uma pequena e estreita garrafa de água cristalina. “Eu a mantive escondida”, explicou. “Tive medo que alguém tentasse roubá-la.”

Sorri e aceitei a garrafa oferecida, observando Dominique enquanto eu tirava a tampa e entregava a água a Tomas,

que bebeu um pouco, agradecido. A paz voltou a reinar sobre ele e suspirei aliviado.

“Obrigado”, eu disse. “Você é muito gentil.”

“Fiz questão de trazer algumas provisões quando saímos de Calais, por precaução”, ela disse. “Onde estão seus pais? Não deveria ser deles a responsabilidade de cuidar do garoto?”

“Estão debaixo de sete palmos de terra, em um cemitério parisiense”, respondi. “Uma assassinada pelo marido, o outro assassinado por ladrões.”

“Lamento”, ela respondeu. “Então estamos na mesma situação. Viajando sozinhos.”

“Tenho meu irmão.”

“É claro. E como você se chama?”

Estendi a mão na direção dela e, conforme o fiz, me senti maduro, um adulto, como se o ato de cumprimentá-la selasse minha independência.

“Matthieu”, respondi. “Matthieu Zéla. E essa criatura de estômago fraco é o meu irmão, Tomas.”

“Dominique Sauvet”, ela disse, ignorando minha mão e nos cumprimentando com um leve beijo na bochecha, o que me deixou ainda mais alvoroçado. “Prazer em conhecê-los”, acrescentou.

Nosso relacionamento começou naquele instante e aprofundou-se mais tarde, naquela noite, em um quatinho de um albergue em Dover, onde nós três nos refugiamos. Dominique era quatro anos mais velha do que eu — tinha dezenove — e, naturalmente, mais experiente em assuntos românticos. Deitamos juntos na cama, próximos um do outro para nos mantermos quentes, tensos por causa de nossos desejos. Ela enfim escorregou a mão por baixo do lençol frio

e carcomido que mal nos cobria e passeou pelo meu peito e abaixo dele até que nos beijamos e permitimos que nossa paixão nos consumisse.

Quando acordamos na manhã seguinte, eu estava cheio de temores pelo que poderia acontecer. Olhei o corpo de Dominique ao meu lado, o lençol cobrindo-a o suficiente para ocultar suas partes íntimas, mas ainda assim provocando em mim uma nova onda de desejo, e temi que ela se arrependesse do nosso comportamento na noite anterior. Quando seus olhos se abriram, de fato houve uma estranheza à medida que ela se cobria ainda mais com o lençol — expondo, assim, mais do meu corpo, o que me deixou profundamente constrangido —, até que, enfim, ela se enterneceu e puxou meu corpo de encontro ao dela mais uma vez, com um suspiro.

Passamos aquele dia caminhando por Dover, Tomas conosco, como se fôssemos marido e mulher, e Tomas, nosso filho. Eu transbordava de alegria, certo de que aquela era a vida mais perfeita que poderia existir. Eu queria que o dia durasse para sempre e, ainda assim, ansiava para que passasse rápido e voltássemos logo ao quarto.

Naquela noite, porém, tive uma surpresa desagradável. Dominique ordenou que eu dormisse no chão com Tomas e, quando protestei, ela disse que, se eu não o fizesse, ela me cederia a cama e dormiria ela mesma no chão; então cedi. Quis perguntar o que havia de errado, por que de repente ela me rejeitava daquela maneira, mas não consegui encontrar as palavras. Imaginei que, se eu exigisse mais do que ela estava disposta a oferecer, ela me consideraria estúpido, infantil, um bebê, e eu estava determinado a não dar motivos para que ela me desprezasse. Eu já pensava em como queria cuidar dela, ficar ao seu lado para sempre, mas

hoje não tenho dúvidas de que ela achava que, como eu tinha apenas quinze anos, se quisesse algum futuro neste mundo, provavelmente não conseguiria comigo. Estava esperando algo melhor.

Um erro, como ficaria evidente.